



Caio F – itinerário de uma literatura universal

Márcia Ivana de Lima e Silva*

Caio Fernando Abreu nasceu numa manhã do dia 12 de setembro de 1948, em Santiago do Boqueirão, RS. Um sítio de colonização predominantemente italiana, reduto militar, Santiago viria a ser a inspiração para o autor criar o *Passo da Guanxuma*. Essa cidade fictícia aparece em vários de seus contos, e ele ambicionava um dia escrever um grande romance sobre o Passo.

Com 15 anos, mudou-se para a capital para estudar no Instituto Porto Alegre (IPA), pois queria conhecer novos lugares, e sabia que sua cidade natal não poderia satisfazer seus anseios. No internato, porém, as coisas não começaram bem para ele, que não se adaptava, não conseguia arrumar amigos, não entendia as matérias. Caio chegou a ficar doente e, na enfermaria, escreveu uma carta aos pais, pedindo para irem buscá-lo:

Confesso que tive vontade (e tenho) de morrer [...] A senhora vai dizer que isso é normal, etc... Mas não é não! Os outros que chegaram junto comigo já estão adaptados [...] Pelo amor de Deus, mãe, eu não aguento mais! Veja se a senhora dá um jeito! Isso aqui é um verdadeiro inferno.

A carta dá a perceber uma faceta de Caio para o dramático, a teatralidade, o exagero. Zael foi buscar o filho, mas a crise depressiva já tinha passado, e o jovem acabou não voltando para Santiago.

Em 1966, publicou seu primeiro conto, *O príncipe sapo*, na revista *Cláudia*. No ano seguinte, entrou para o curso de Letras da UFRGS, o qual nunca concluiu. Dois anos mais tarde, mudou-se para São Paulo para trabalhar na primeira equipe da revista *Veja*. Vindo dos rincões gaúchos, de início, o escritor não se adaptou à metrópole. Um difícil começo, como o fora também para Caetano Veloso, ídolo de Caio, a quem ele dedicaria sua obra de maior sucesso, *Morangos mofados*.

Demitido da *Veja*, aceitou, então, o convite para morar em Ipanema, na cidade maravilhosa, no apartamento de Maria Helena, irmã de Lúcio Cardoso, de onde escreveu aos pais: *“E as pessoas que passam por mim não saberão jamais que nasci em Santiago do Boqueirão e um dia fui estudar em Porto Alegre, que eu era tímido e agressivo, porque me achava horrível com aquele bigodinho precoce (hoje, querem pintar retratos, me acham parecido com Cristo, dizem que tenho olhos lindos!). Acho graça, acho muita graça”*.

Decidido a retomar os estudos, Caio passou todo o ano de 1970 na capital gaúcha. Ali prestou exames para o curso de Diretor Teatral, no Centro de Artes Dramáticas (CAD), o qual também não concluiu. Em 1971, retornou ao Rio para morar numa comunidade, imerso na cultura hippie, em busca do sonho ‘paz e amor’ da juventude da época. No final do ano seguinte, já estava de volta à capital gaúcha; e em 1972, começou a trabalhar no jornal *Zero Hora*. Em carta aos amigos Vera e Henrique, disse: *“Porto Alegre é muito bonita, mas estas coisas não têm importância quando a gente está todo esfarrapado por dentro [...] Do tempo passado no Rio sobraram certezas duras e vários assassinatos; das pessoas, sobraram só vocês dois”*.

Em maio de 1973, embarcou para a Europa. De Londres, em setembro, mandou notícias: *“Eu estou muito melhor: a Suécia*



Cena do filme *Sobre Sete Ondas Verdes Espumantes*, de Bruno Polidoro e Cacá Nazário, que mostra detalhes da vida do escritor

foi uma experiência bastante dura, é um país completamente diferente de tudo que eu tinha visto, tudo muito arrumado, as pessoas fechadíssimas [...] Londres é fascinante. Uma cidade imensa, mas incrivelmente tranquila - a gente anda nas ruas como se estivesse em um bairro de Porto Alegre”. Ainda sobre a experiência europeia, Caio escreveu a Vera de Londres em outubro: *“Em qualquer circunstância, eu acho, a experiência Europa é fundamental [...] A gente sangra e geme - mas sai mais vivo, com a vida dividida pra lá e pra cá”*.

O lugar de Caio sempre foi e sempre será a literatura, que nunca o sufocou, nunca o desapontou, e que ele dominou como poucos

Em maio de 1974, tendo regressado à casa dos pais, Caio escreveu à amiga Vera: *“A barra mesmo é ter que estar vivo e ter que desdobrar, batalhar um jeito qualquer de ficar numa boa”*. Seu plano inicial de ficar na capital gaúcha meses se transformou em anos. Em novembro de 1977, desabafou a João Silvério Trevisan: *“Eu tô com vontade de sair de Porto Alegre, uma vontade desesperada. Preciso correr risco, correr perigo, ser desafiado. Aqui, as coisas amornam a cada dia”*. Foi para São Paulo em meados de 1978, de onde escreveu a sua mãe: *“Eu tenho muita vontade de ir embora do país outra vez”*.

A consagração nacional viria em 1982, com a publicação do livro de contos *Morangos mofados* pela editora Brasiliense, sucesso de vendas e de crítica. Saiu da capital paulista em maio de 1983 para mudar-se para o Rio de Janeiro; mais uma tentativa de morar na “cidade maravilhosa”.

Entre idas e vindas entre São Paulo e o Rio, em 1994, já ciente de ser portador do vírus HIV e muito doente, foi aconselhado a buscar rotina leve e qualidade de vida. Mudou-se definitivamente para a casa dos pais, enfim, para seu porto seguro.

Esse resumido itinerário do escritor e das sensações que ele vai deixando/acrescentando pelas cidades por que passa, rastreado a partir de sua correspondência, aponta para um sentimento de deslocamento em relação a todos os lugares. Mesmo que, inicialmente, haja satisfação ou até mesmo euforia em relação a alguma cidade, aos poucos isso é substituído por desinteresse, solidão, às vezes desespero, o que não se restringe à sua relação com a capital gaúcha. Seja a pequena Santiago, a promissora Porto Alegre, a grande São Paulo ou a exuberante Londres, todas, de um jeito ou de outro, acabam por sufocá-lo, mas, paradoxalmente, por desapontá-lo, não se deixando dominar. A “alma dramática” que se revelou na juventude era também itinerante, andarilha. De fato, ele nunca ficou tempo suficiente (ou se dispôs a) em uma cidade, a ponto de dominá-la, com exceção de Porto Alegre no final da vida, que foi tranquilamente habitada a partir da casa dos pais.

Isso ocorre porque o lugar de Caio sempre foi e sempre será a literatura, que nunca o sufocou, nunca o desapontou, e que ele dominou como poucos. No fechamento da crônica *Primeira carta para além dos muros*, para o jornal *O Estado de São Paulo*, em agosto de 1994, quando revela ser portador do vírus HIV, ele escreve: *“A única coisa que posso fazer é escrever - essa é a certeza que te envio, se conseguir passar essa carta para além dos muros. Escuta bem, vou repetir no teu ouvido, muitas vezes: a única coisa que posso fazer é escrever, a única coisa que posso fazer é escrever”*.

O espaço geográfico a seu redor era apenas paisagem para seu universo interior muito criativo, muito inquiridor, muito rico, enfim. Na verdade, bem mais rico do que a paisagem exterior, a ponto de transbordar às vezes, não cabendo em si mesmo. E a

literatura era a possibilidade de viver esse mundo interior que não cabia no exterior, de preencher o vazio, o oco que o espaço geográfico nunca conseguiu completar.

A cidade é o cenário preferido de suas histórias, que, embora sejam narrativas em que a temática social predomina, esta é filtrada pela interioridade das figuras humanas, que reagem de várias maneiras aos fatos. Assim, sua obra tende a ser classificada como psicológica ou intimista porque enfatiza o prisma interior, a partir do qual os eventos externos são percebidos. Esses deixam de ter sentido predominantemente social para se confundirem com problemas do inconsciente. Com isso, Caio foi capaz de incorporar ao espaço urbano novos significados, ampliando o repertório e o alcance da literatura, representando seres diversificados. Mas, quando fala da cidade, não se refere a uma especificamente, mesmo que seja possível identificá-la através de algumas marcas textuais. A exigência que Porto Alegre fez de ser sua única musa frustrou muito mais a cidade do que o escritor, porque, de algum modo, Caio sempre falou de dentro. Para ele, Santiago, Porto Alegre, São Paulo, Londres são todas cenários para o desnudamento da alma humana por meio da palavra.

O lugar de onde Caio sempre falou foi a literatura; o lugar que ele sempre buscou foi a literatura; o lugar de onde ele quer ser lembrado é a literatura. Em carta à amiga Vera, desabafa: *“O meu [jeito de ficar numa boa] tem sido olhar pra dentro, devagar, ter muito cuidado com cada palavra, com cada movimento, com cada coisa que me ligue ao de fora. Até que os dois ritmos naturalmente se encaixem outra vez e passem a fluir”*. Parece que finalmente Porto Alegre entende essa fluidez e consegue se reconhecer em cada linha de seus textos e deixar todos se reconhecerem. Homenagear Caio F é assumir sua universalidade e deixá-lo tomar seu legítimo lugar no mundo: a literatura.

*Professora titular do Instituto de Letras da UFRGS